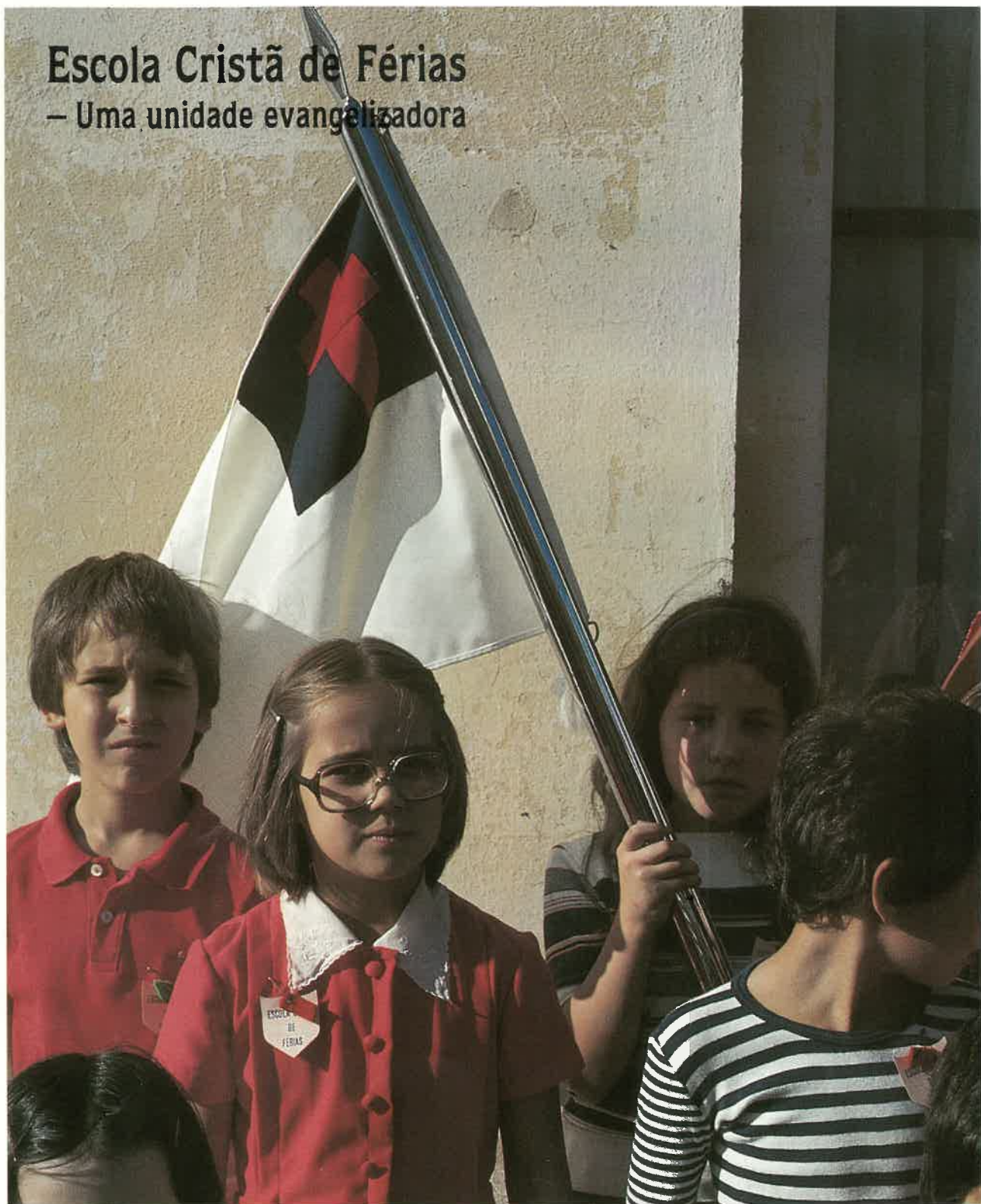


Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

Maio 1991

Escola Cristã de Férias — Uma unidade evangelizadora



EVANGELISMO INFANTIL

Aproxima-se a Época das Escolas Cristãs de Férias

São muitas as igrejas que têm ótimas salas, abundante material ilustrativo, bem colorido, e hábeis irmãs para ensinar carinhosamente as crianças, aos sábados de manhã.

Quando se aproximam as férias, famílias inteiras, morando perto das nossas igrejas, vêem os seus filhos vagueando pelas ruas, sem orientação e não sabendo que rumo seguir. Que pena ver essas crianças da comunidade tão perto de nós e nós com tanto material bem guardado e ótimo para dar a conhecer esse Jesus maravilhoso a todos esses meninos e meninas!

Que trabalho maravilhoso pode ainda ser feito, em favor da criança e da família! Que alegria e gratidão não sentirão esses pais ao ver os seus filhos apoiados e ajudados por crentes especializados nesta área de evangelismo infantil!

Os resultados serão sempre positivos para a Igreja, Escola Sabatina e Departamento de Jovens.



mento de Jovens. A Sr.^a E. White comenta: «As crianças e os jovens não devem ser impedidos de vir a Jesus. Satanás procura prender a si as crianças com cordas de aço e vós só alcançareis êxito em levá-los a Jesus mediante resolutos esforços pessoais. As crianças e os jovens devem receber em seu favor trabalho mais fervoroso, pois são a esperança da Igreja.» — *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, p. 319.

«As crianças de oito, dez, ou doze anos, já têm idade suficiente para serem dirigidas ao tema da Religião individual. Não ensineis vossos filhos com referência a um tempo futuro em que eles terão idade bastante para se ar-

rependem e crerem na verdade. Caso sejam devidamente instruídas, crianças bem tenras podem ter ideias correctas quanto ao seu estado de pecadores, e ao caminho da salvação por meio de Cristo.» — *Orientação da criança*, pp. 490 e 491.

«Na infância, o espírito é facilmente impressionado e amoldado, e é então que os meninos e meninas devem ser ensinados a amar e honrar a Deus. Deus quer que toda a criança de tenra idade seja Seu filho, adoptado em Sua família.» — *Ibid.*, p. 486.

Os meses de férias aproximam-se com a oportunidade que nos é apresentada nas passagens que acabámos de transcrever. As igrejas, por certo, farão os seus planos para cooperar com todas as famílias, ajudando as suas crianças no aspecto espiritual, educativo, social e físico, através das nossas Escolas Cristãs de Férias.

Vamos fazer isso? Deus conta connosco e as crianças esperam-nos. — *A. Nunes, Departamento da Escola Sabatina da União.*



PENSAMENTO DO MÊS

“O homem é medido pela grandeza dos seus ideais.”

— E. C. McKenzie

Revista Adventista



PUBLICAÇÃO MENSAL

Maio de 1991

Ano L • N.º 530

DIRECTOR:

J. Morgado

REDACTORA:

M. R. Baptista

PROPRIETÁRIA E EDITORA:

Publicadora Atlântico, S.A.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Rua Joaquim Bonifácio, 17
1199 Lisboa Codex
Telef. 542169

PREÇOS:

Assinatura Anual 850\$00
Número Avulso 85\$00

EXECUÇÃO GRÁFICA:

Santos & Costa, Lda.
Vale Trabalho • Pedreiras
2480 Porto de Mós
Telef. (044) 402413

Depósito Legal n.º 2705/83

Sumário

- 2 **Evangelismo Infantil**
Por A. Nunes
- 3 **Um Aniversário**
Por J. Morgado
- 4 **Nós o Veremos Na Unidade dos Crentes**
Por Bekele Biri
- 6 **O Dom de Profecia nos últimos dias**
Por M. N. Cordeiro
- 9 **Ngiratkel Etpison, Presidente da República das Palau**
Por Myron Widmer
- 11 **Cooperai com Deus**
Por Fernando Ferreira
- 12 **«Buscai primeiro o Reino de Deus...»**
Por E. Ludescher
- 13 **O Elefante Adventista**
Por Ann Cunningham Burke
- 14 **O Sonho de Carlos**
Por M. R. Baptista
- 15 **Oferta para auxílio em casos de catástrofe**
Por E. Amelung
- 18 **Notícias do Campo**
- 19 **O Campo é o Mundo — Notícias**

Um Aniversário



Não é próprio que nos esqueçamos do aniversário de alguém que nos é chegado! Certamente que receberíamos depois

palavras de reprovação por esse esquecimento.

Felizmente que tais palavras não serão ouvidas, pois trata-se do aniversário da *Revista Adventista*. O Nº 1 tem a data de Maio-Junho de 1940.

É interessante lançar um olhar sobre essa primeira Revista, cuja publicação era bimestral e tinha como corpo directivo os seguintes elementos:

Director: Dr. A. J. Girou
Redactor: Ernesto Ferreira
Administrador: P. Brito Ribeiro

Na mensagem inicial faz-se alusão à formação da “União Portuguesa das Igrejas Adventistas”, em seguimento de uma resolução do Conselho da Divisão, realizado em Novembro de 1939, em Gland, na Suíça.

Referindo-se à *Revista Adventista*, é dito: “É pois o jornal de igreja de todos os adventistas que se encontram nos campos acima mencionados. Foi votado que a publicação fosse bimestral. Teremos portanto seis números por ano. Desejaríamos torná-la mensal, mas os nossos meios financeiros não no-lo permitem.”

Num artigo intitulado “Estudemos o Espírito de Profecia”, W. R. Beach afirmava: “À medida que o dia do Senhor se aproxima, mais urgente se torna que os que se estão preparando para esse dia se familiarizem pessoalmente com o conteúdo dos livros da Irmã White.” (p. 5.)

MAIO-JUNHO 1940

N.º 1

Revista Adventista

Órgão da União Portuguesa das Igrejas Adventistas do Sétimo Dia

A NOSSA REVISTA

Muito que a Conferência Portuguesa das Igrejas Adventistas do Sétimo Dia criou um órgão de ligação — REVISTA ADVENTISTA — que aparece, esporadicamente, com o tempo e as finanças o permitirem. A obra feita no Continente passou para as colónias, e outros campos surgiram, como é de seu uso costume o Senhor se faz sentir como piloto do navio. Foi em primeiro lugar a Misão de Madeira, depois a dos Açores, a um tempo do continente da América, em terceiro lugar a Misão de Cabo Verde, e ultimamente a de S. Tomé.

Para melhor desenvolver a obra nestes terríveis portugueses sentiu-se a necessidade de agrupar os diferentes campos sob uma mesma direcção, e foi assim que nasceu uma nova União, a União Portuguesa das Igrejas Adventistas. Na reunião do conselho anual de Christal Sul-Espanha que se realizou em Gland, Suíça, no último mês de Novembro, um voto unânime criou a União Portuguesa e fizeram-se orações e votos para uma boa saúde espiritual a grandes vitórias.

A 20 e 21 do último mês de Março, alguns membros do conselho da nova União reuniram-se em Lisboa, com o auxílio de um delegado da Divisão, o irmão Ernesto, foram examinados e organizados os documentos. Fizaram-se planos para o trabalho em vista de um ideal cada vez mais alto, da Mensagem Adventista. A REVISTA ADVENTISTA foi objecto do interesse de cada um dos membros presentes e foi decidido que este órgão se tornasse um periódico de

União. É pois o jornal de igreja de todos os adventistas que se encontram nos campos acima mencionados. Foi votado que a publicação fosse bimestral. Teremos portanto seis números por ano. Desejaríamos torná-la mensal, mas os nossos meios financeiros não no-lo permitem.

No passado, contrariamente aos princípios que presidem à viabilidade dos periódicos de nossa obra, a REVISTA ADVENTISTA foi distribuída gratuitamente a nossos membros. O que parecia um bem, está provado ter sido o motivo do seu estado actual por isso é que ela se multiplicou e por intermédio de alguns por vezes a impressão de uma folha com vitalidade esperanzada. Ora havia muitos, ora não os havia, e para remediar, de alguma sorte, a esta penúria de fundo foi votado pelo conselho da União fazer um sócio agente a nossos fins para os convidar a subcrever a REVISTA com a assinatura anual de 1\$500. Esta pequena soma cobrirá o custo de 60% das despesas e o restante virá de outro fundo.

Os redactores da REVISTA ADVENTISTA prometem fazer o possível para dar a esta órgão de contacto entre os orantes na Mensagem Adventista um carácter espiritual de modo a interessar outras pessoas que, não sendo Adventistas, gostam de ler o que escrevem para Deus e para o Senhor Jesus Cristo, e por isso os nossos membros poderão, até certo ponto, utilizar este periódico para fazer obra missionária a sua volta. Permitem-nos fazer um sugestão: cada

as riquezas insondáveis de Cristo.” Nesse mesmo artigo são mencionados os grupos missionários da igreja ideal:

1. Visitas a estranhos
2. Visitas aos membros
3. Grupos de estudo
4. Publicações
5. Evangelização laica
6. Grupo de Correspondência
7. Biblioteca da igreja
8. Grupos de oração
9. Escola Sabatina anexa
10. Missionários voluntários.

Cinquenta e um anos nos separam desse primeiro número da *Revista Adventista*, mas a Igreja continua activa para levar esta maravilhosa mensagem ao mundo que nos cerca.

Desejava ainda frisar que o nome do Pastor Ernesto Ferreira figurava então como redactor. E quanto devemos ao seu esforço nos livros que publicou, nos livros que reviu, nas revistas que ainda hoje saem devido à sua acção e ao seu amor por esta obra! Talvez ele fosse alguém que com justiça nos poderia reprovar por termos esquecido o aniversário de uma Revista que ao longo dos anos serviu com tanto amor!

Mas a *Revista Adventista* continua a ser “o jornal de igreja de todos os adventistas” da União Portuguesa. É nosso desejo que ela continue a incentivar ao trabalho missionário e à constituição da “igreja ideal”; que nos encoraje na leitura do Espírito de Profecia; que nos inspire e fortaleça espiritualmente; que contribua para uma relação pessoal diária com o nosso Salvador, aproximando-nos mais de Deus e dos nossos irmãos, enquanto nos preparamos para a vinda gloriosa de Jesus.

J. Morgado

Por outro lado, os incentivos ao trabalho dos departamentos ocupavam uma boa parte da revista: A Escola Sabatina, como “meio de salvar almas”, a necessidade de implementar as Escolas Sábatinas anexas e a realização de cursos de monitores. Do departamento da colportagem é dito que 1939 foi um dos melhores na venda de livros, tendo sido atingida a soma de 172.800\$00.

Das “Notícias do Campo” sobressaem as seguintes:

— Abertura da sala de Avintes. Fala-se de uma série de reuniões a que estavam assistindo cerca de 500 pessoas.

— Deslocação de obreiros. Fala-se da ida da família Lourinho, a 23 de Abril, para a ilha de S. Miguel, nos Açores.

Num outro artigo, apresenta-se a “igreja ideal”, comparando-a a “um exército bem disciplinado e ordenado”, em que “cada membro deveria ser um canal para comunicar ao mundo os tesouros da Sua graça,



Nós o Veremos

Na Unidade dos Crentes

*Mensagem devocional
apresentada na terça-feira,
10 de Julho de 1990,
na Conferência Geral*

O texto que escolhi para hoje encontra-se em João 13:34, 35: “Um novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis. Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros.”

Este mandamento dado aos discípulos é tão verdadeiro para nós hoje quanto o foi para eles então, e assim será para todos os que se dizem discípulos de Cristo, até ao momento da Sua gloriosa volta. Precisamos, pois, de prestar-lhe cuidadosa atenção e de meditar e orar sobre ele, dado que está ligado à nossa identidade nesta terra e que tem grande importância no nosso destino eterno, como indivíduos e como igreja.

Ellen White escreveu muito sobre o amor de que Jesus fala — o que não é e o que é: “O amor não é um mero impulso, uma emoção transitória, dependente das circunstâncias; é um princípio de vida, um poder permanente.” (*The SDA Bible Commentary*, Ellen G. White Comments, vol. 5, p. 1140.) É bastante diferente e grandemente superior à bondade ou cortesia humanas. Não é afectado pelo tempo, lugar, ou circunstâncias, e, por conseguinte, não deveria ser tomado, erradamente, pela sentimentalidade humana, que essa, sim, muda de acordo com o tempo, o lugar e as condições.

O apóstolo Paulo usa as seguintes palavras para realçar a importância e a preeminência do amor: “Agora,

pois, permanecem a fé, a esperança e a caridade, estas três; mas a maior destas é a caridade” (I Cor. 13:13).

O amor é terno, imparcial, altruísta, sincero, fervoroso, e não muito hábil a calcular dificuldades ou perigos para si mesmo. Opera sem objectivos de lucro ou vantagem.

Ouçamos as palavras do profeta Isaías: “Verdadeiramente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e as nossas dores levou sobre si ... Foi ferido pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades ... e pelas suas pisaduras fomos sarados” (Isa. 53:4, 5).

Deus amou-nos — a vós e a mim — com esta espécie de amor. Jesus deseja que vós e eu nos amemos do mesmo modo. O que Cristo diz no nosso texto de abertura é que o amor é o emblema dos Seus discípulos. Um emblema tem por objectivo ser usado e ser visto por todos os outros. O amor é, pois, essa marca distintiva dos filhos de Deus. Se não nos amarmos uns aos outros, não somos discípulos de Jesus. Se não formos Seus discípulos, então não somos cristãos. Se dissermos que somos cristãos e na realidade o não formos, então somos hipócritas, e enganamo-nos a nós mesmos.

Não basta dizermos que somos discípulos de Cristo. O discipulado tem de se manifestar pela nossa devoção para com Ele, pelo nosso amor e interesse pelas almas, pela nossa separação do mundo, pela santidade do nosso carácter e comportamento. A nossa oração deveria ser: “Senhor, que se conheça e veja em todos os aspectos das nossas vidas que somos Teus discípulos. Dá-nos todas as graças de que precisamos para reflectir perfeita e poderosamente o amor do Mestre.”

Nem sempre

Às vezes pensamos que o simples facto de cumprirmos determinados deveres — pregar, estudar regularmente a lição da Escola Sabatina, pagar o nosso dízimo, colaborar no estabelecimento de prestigiadas instituições educacionais e de saúde, operar belas casas editoras e manter uma administração sólida e sofisticada — é sinal de discipulado. Mas tudo isto é como o “metal que soa” e como o “sino que tine”, de nada servindo se nós, o elemento humano de todas estas operações, não nos amarmos uns aos outros como Jesus nos amou. Um professor pode ensinar alunos, um médico pode tratar doentes, um ministro pode pregar à sua congregação — e tudo isto sem amor! O serviço cristão não é fazer algo por Cristo, mas fazer as coisas que Ele nos mandou, e há uma grande diferença entre as duas atitudes. O Seu mandamento, para vós e para mim, é: “Amai-vos uns aos outros.”

Quando aceitei o desafio de vos falar esta manhã, preparei, por simples curiosidade, um pequeno questionário de duas perguntas, seguidas de um espaço para lhes ser aposto o sinal de verdadeiro ou falso, e distribuí-o a cada um dos obreiros dos escritórios da União da Etiópia:

1. *De forma geral, os Adventistas do Sétimo Dia amam-se uns aos outros mais do que os membros das outras igrejas.*

2. *Os obreiros dos escritórios da União amam-se uns aos outros do modo como devem.*

No cimo do questionário escrevi as palavras de João 13:34, 35.

O resultado foi chocante, alarmante. Das 14 respostas que recebi, ape-

nas 6 responderam afirmativamente à primeira questão. A resposta à segunda foi ainda pior. Apenas três concordaram.

Isto foi uma autêntica surpresa para mim, dado que sempre tive o sentimento de que éramos um grupo muito unido e cooperante no escritório. Mas os resultados de duas simples e informais perguntas mostraram um quadro bem diferente.

Precisamos de sondar os nossos corações e perguntar a nós mesmos se nos amamos uns aos outros honesta e verdadeiramente. Como é que o nosso amor se manifesta nas nossas igrejas locais, em relação a pessoas de nacionalidades, raças ou cores diferentes; ou nos nossos escritórios, em relação a gente de níveis económicos diferentes, ou nos nossos lares, na nossa comunidade, em todos os aspectos da nossa vida? Será que usamos sempre e em todos os lugares o nosso emblema?

Importante para os Adventistas

O tema do amor deve merecer um interesse especial aos Adventistas do Sétimo Dia. Nós dizemos, e com razão, que somos a igreja de Laodiceia dos últimos dias. Ora, a principal característica da igreja de Laodiceia é a sua mornidão. Não podemos dizer que somos laodiceanos e excluir esta característica. Então, a mornidão será hoje a principal característica da nossa igreja? Quais são os traços distintivos do nosso povo? Seremos nós conhecidos como pessoas que não bebem bebidas alcoólicas nem usam estimulantes? Como pessoas que vão à igreja ao sábado e são bons na interpretação das profecias? Ou conhecer-nos-á o mundo como um povo que obedece a Deus e ama o seu próximo?

Isso só será possível na medida em que amarmos a Cristo, porque o Seu amor é dinâmico e vigoroso e vai mais além do que a simples simpatia e amabilidade. Responde às necessidades de um modo prático. Leva-nos a apreciar os nossos irmãos e irmãs em Cristo, e os nossos vizinhos, não nos limitando nós a mostrar-lhes sorrisos vazios, mas a prestar-lhes sincero serviço cristão. O amor toca de um modo prático os corações frios, os corpos nus, os estômagos famintos, os doentes do pecado, os sem esperança, os errantes e as almas vazias. Leva alívio aos que sofrem. Algo menos do que isto

constitui apenas uma forma de bondade.

A seguinte declaração de Ellen White deveria alertar-nos para a necessidade de avaliar os nossos programas, e a nós mesmos, à luz da realidade corrente: “A religião pessoal entre nós, como um povo, acha-se em baixo nível. Há muita fama, muito maquinário, muita religião de boca; mas algo mais profundo e mais sólido precisa ser introduzido em nossa vida religiosa.” (*Testemunhos Selectos*, vol. II, p. 340.) Este “algo de mais profundo e mais sólido” é, creio, a obediência a Deus e o amor ao próximo.

Já alguma vez procuraram misturar água e areia? Alguns de nós talvez o tenham feito quando eram crianças. Quando o fazemos, os grãos de areia ficam todos juntos. Mas é apenas uma coisa aparente. No fundo, os grãos de areia continuam soltos e independentes. Quando o vento soprar, ou quando o sol brilhar, ou se a chuva cair sobre eles, ficam todos separados uns dos outros. Só permanecerão juntos se lhes for acrescentado cimento.

Com esta adição, não somente os grãos se mantêm juntos, como um bloco, mas podem suportar e ligar outros materiais. Quando os elementos cimentadores do amor de Deus são acrescentados à nossa vida, isso não só nos une e mantém juntos como um povo, mas também leva outros à cruz de Cristo. Como disse alguém, “nós não ganhamos o favor de Deus por nos amarmos uns aos outros, mas é o favor de Deus que nos permite amar-nos uns aos outros e atrair outros a Cristo”.

Só podemos amar o nosso próximo se o Senhor gerar em nós o Seu amor. Ele é amor. Tentar amar a Deus e excluir o amor pelos outros é uma contradição dos termos e um exercício em falsa religião. “Aquele que diz que está na luz e aborrece o seu irmão, até agora está em trevas” (I João 2:9). “Qualquer que aborrece o seu irmão é homicida. E vós sabeis que nenhum homicida tem permanente nele a vida eterna” (I João 3:15).

Devido a tradições culturais, à sua própria educação e a experiências passadas, talvez haja alguns que achem difícil amar os outros. Meus prezados irmãos e irmãs: Desejo assegurar-vos, apoiado na Palavra de Deus, que não há desvio possível a este mandamento, porque todos os outros mandamentos dependem inteiramente de perma-

nermos ou não na luz do amor de Deus. Estamos nós na luz, ou apartados da influência e efeito do Seu amor?

O amor de Deus por cada um de nós é precioso e poderoso. Pode limpar-nos de todas as impurezas da nossa vida e pode operar em nós a transformação de que estamos carecidos. Ele transformou João, o filho do trovão, e fez dele o apóstolo do amor. Pode fazer o mesmo por cada um de nós, se estivermos dispostos a submeter as nossas vidas a Jesus. Transformados, os nossos caracteres haverão de reflectir o carácter de Cristo e as nossas vidas tornar-se-ão uma epístola viva para ser vista, lida e conhecida por todos aqueles com quem entrarmos em contacto.

Porque somos uma família numerosa, de todas as partes do mundo, com diferentes culturas, línguas, cores e com diversas experiências de vida, o único factor que nos pode unir é o conhecimento e amor de Jesus Cristo. Por isso, o amor tem de ser a base das nossas relações e governar as nossas relações e interacções em todas as nossas esferas de acção. Quando estivermos ligados pelo amor de Deus, e não por interesses pessoais ou carnisais, e quando a nossa vida for guiada e motivada pelo amor, então, todo o criticismo destrutivo, todos os sentimentos de amargura, descontentamento, toda a dissensão, inveja, parcialidade, preconceito racial e ambição se tornarão menos visíveis entre nós.

Irmãos e irmãs: Se nos mantivermos juntos, unidos em harmonia e unidade uns com os outros e todos com Cristo, nós poderemos passar qualquer teste ou provação. A necessidade de unidade entre os Cristãos foi realçada por Cristo na Sua oração em favor dos discípulos: “Pai santo, guarda, em teu nome, aqueles que me deste, para que sejam um, assim como nós” (João 17:11).

Onde há amor, há unidade, unicidade de propósito e coração, força, coragem, bondade, cooperação, sacrifício e perdão. Quando estes elementos, através do poder do Espírito Santo, começarem a brilhar em cada um de nós, outros haverão de ser inevitavelmente atraídos para o irresistível amor de Jesus. Este tem de ser o nosso objectivo e a nossa humilde oração.

O Dom de Profecia nos últimos dias

«E há-de ser que, depois, derramarei o Meu Espírito sobre toda a carne, e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, os vossos velhos terão sonhos, os vossos mancebos terão visões. E também sobre os servos e sobre as servas derramarei o Meu Espírito» (Joel 2:28, 29).

Muitas pessoas, mesmo certos membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia, tomam a inflexível posição de nada aceitar ou receber sobre conselhos ou advertências da parte de Deus, senão o que está contido nas Sagradas Escrituras. Esta seria uma ótima posição se tais pessoas estivessem a viver inteiramente de acordo com os conselhos e instruções da Palavra de Deus. Mas infelizmente a natureza humana é muito propensa a afastar-se dos desígnios e propósitos de Deus. Por isso, Deus, na Sua infinita misericórdia e amor, sempre que as Suas criaturas humanas se desviam d'Ele, envia-lhes os Seus conselhos e advertências mediante os Seus servos escolhidos — os profetas. Esta tem sido sempre a maneira de Deus Se comunicar com o Seu povo, desde que o pecado entrou no mundo, e fez separação entre o homem e o seu Deus e Criador (Isa. 59:2).

Ora, a tendência de ser humano de se afastar de Deus não cessou nestes últimos dias em que estamos a viver. Antes pelos contrário. Uma vez que os erros, enganos e perigos se têm multiplicado neste último período da história humana, também se tem multiplicado essa tendência de nos afastarmos de Deus. E é precisamente por isso que Deus diz que nos últimos dias haveria manifestações assinaladas do Seu dom profético entre jovens e pessoas idosas, como acabámos de ver na passagem de Joel, citada logo no início deste artigo.

É verdade que o Cãnone das Escrituras há muitos anos foi completado

e encerrado. Mas não é menos verdade que Deus, pela mesma Escritura, anuncia a existência do dom de profecia nos últimos dias, para guiar, instruir, redarguir e admoestar o Seu povo, a fim de que este se não desvie d'Ele nem da Sua verdade e vá após qualquer ou quaisquer dos muitos erros e enganos que actualmente enxameiam por todo o lado. Então, em vez de sentirmos relutância em aceitar as directrizes proféticas de Deus, nestes últimos dias, antes as receberemos com júbilo e gratidão.

Sabemos que nem tudo o que pretende provir de Deus, provém de facto d'Ele. Mas, como em todas as épocas, os filhos de Deus têm a capacidade de se certificarem se determinada mensagem ou revelação é ou não de Deus. Desde sempre o teste básico a aplicar a qualquer dessas mensagens é: «À Lei e ao testemunho: Se eles não falarem segundo esta palavra, nunca verão a alva» (Isa. 8:20).

Uma vez que nos últimos dias, as manifestações satânicas se multiplicarão para contrafazer a obra genuína de Deus, é mais do que necessário que apliquemos este teste a toda e qualquer possível revelação de Deus. E se o fizermos, quantas dessas revelações ficarão desde logo reconhecidas como falsas e não verdadeiras!

Ora, ninguém precisa de ser enganado quanto ao engano de manifestações ou revelações satânicas. Mas, por outro lado, não é apropriado nem correcto rejeitarmos as revelações que podemos reconhecer como de origem divina e não satânica.

Quando Deus decide enviar uma mensagem especial a um indivíduo ou congregação, há grande benefício e prosperidade em a receber. Mas há grande prejuízo em a rejeitar.

Temos nas Sagradas Escrituras o exemplo do rei Jeoiaquim que rejeitou a mensagem especial que Deus lhe

enviou por intermédio do profeta Jeremias. Não só a rejeitou como queimou ostensivamente o rolo que continha essa mensagem (Jer. 36:23).

Como resultado dessa rejeição vieram contra ele «as tropas dos caldeus, e as tropas dos siros, e as tropas dos moabitas, e as tropas dos filhos de Amom» (II Reis 24:2), que o deixaram em grande aperto e angústia, tendo morrido poucos anos depois.

Por outro lado, temos o exemplo do rei David que não rejeitou a repreensão que Deus lhe enviou por intermédio do profeta Natã (II Sam. 12.1-15). Depois de David ter cometido o seu tresloucado acto de adultério e ter planeado e concretizado a morte de Urias, marido de Batseba, Deus não deixou de lhe enviar essa severa repreensão e denúncia. Se David se tivesse insurgido contra a mensagem de Deus, teria não somente perdido o trono como também a sua própria alma. Ao reconhecer a voz de Deus nessa repreensão, não somente aceitou a reprovação como se arrependeu sinceramente do seu pecado (ver o Salmo 51). Como resultado disso foi reconfirmado no trono e uma vez mais reconhecido por Deus como um «homem segundo o Meu coração» e dele surgiu o Renovo, isto é, Jesus Cristo segundo a carne.

Já mais perto dos nossos dias há a história de uma homem chamado Estêvão Smith. Talvez já alguns dos nossos leitores tenham lido ou ouvido a sua história. Ele era um homem já de meia idade quando, em 1850, aceitou a mensagem adventista. Cria verdadeiramente na segunda vinda de Cristo. Era um indivíduo bastante promissor, tão fluente nas palavras que todos gostavam de ouvir-lhe as mensagens. No entanto, este homem tão promissor tropeçou num ponto: Rejeitou o Espírito de Profecia.

Ele próprio, quando ouvia referên-

cias às visões de Ellen G. White, costumava dizer: «No que respeita a sonhos, visões e revelações por meio de uma mulher como aquela, não quero ter nada com isso.»

Algum tempo mais tarde ele recebeu pelo correio um grande envelope, que indicava como remetente Ellen G. White. Ao recebê-lo pensou para si mesmo: «Cá está. Ela pensa que me vai dar um dos seus testemunhos. Não quero nada com ele.» Ditas estas palavras, decidiu nem sequer abrir o envelope.

Ao entrar no seu quarto reparou numa velha mala que tinha a um canto do mesmo. Resolveu colocar o envelope, que acabara de receber, bem no fundo dessa velha mala. Ao fechar a mala murmurou: «Não terei nada que ver com isto.»

No entanto, Estêvão Smith teve uma experiência singular. Toda a ideia estranha que lhe chegava ao conhecimento, absorvia-a como um mata-borrão absorve a tinta. Ora aceitava unir-se a este movimento, ora àquela. Por fim entregou-se ao fanatismo. Não tinha nada para o guiar e orientar.

Durante todo esse tempo em que muitas ideias estranhas surgiram no seio do povo de Deus, Ellen G. White estava sempre vigilante para o orientar e instruir. Mas Estêvão Smith não tinha tal orientação porque a rejeitara e nada queria ter com ela. Não lhe agradava a ideia de receber mensagens de uma mulher. Isso era mais do que podia suportar. Desse modo seguiu o seu próprio caminho. Não levou muito tempo a que se incompatibilizasse com o povo de Deus. Discordava dos irmãos em muitos pontos, até que reconheceram que a melhor coisa a fazer era desligá-lo de membro da igreja.

Depois disso tornou-se muito hostil e crítico para com os adventistas observadores do Sábado. A sua língua, tão hábil para falar fluentemente, passou ele a utilizá-la nas críticas mais hostis, sarcásticas e acerbas. Tornou-se conhecido entre os adventistas de região como um homem demasiado crítico.

Envelheceu, como é natural, e em 1884, cerca de 28 anos após ter recebido aquele citado envelope, estava um dia sentado na sua sala. A sua esposa, que sempre se mantivera fiel à

igreja, costumava colocar cada semana a Revista Adventista (chamada nessa altura, nos Estados Unidos, *Review and Herald*), na mesa da sala, a fim de atrair a atenção do marido. Desta vez, Estêvão Smith, agora velho, de cabelos brancos e encurvado pelos anos, sentou-se próximo da mesinha. Reparou na revista e decidiu folheá-lo e ler o que lhe agradasse. Notou um artigo de Ellen G. White e decidiu lê-lo. No final disse: «Isto é a verdade.» Na semana seguinte a esposa colocou de novo a nova revista sobre a mesinha. E ele ao vê-la resolveu dar uma olhadela no seu conteúdo. Havia de novo um artigo de Ellen G. White que ele decidiu ler. No final comentou: «Isto é muito bom. Isto é a verdade de Deus.»

Nesta altura o seu orgulho não estava ainda totalmente submetido. Por isso evitava quanto possível que alguém soubesse que ele estava a ler semanalmente a Revista Adventista. Numas dessas revistas, em 1885, leu a notícia de que o Pastor Eugénio Farnsworth viria a Washington, Nova Hampshire, para dirigir uma série de reuniões de reavivamento na velha igreja daquela cidade do Noroeste dos Estados Unidos.

Com o Pastor Farnsworth e Estêvão Smith tinham sido amigos íntimos desde a infância, pois cresceram perto um do outro, este decidiu ir ouvir o velho amigo dos tempos idos. Disse ele: «Bem, creio que irei ouvir o que o Eugénio tem a dizer.»

Caminhou a pé mais de 20 Km do local onde morava para Washington. No culto de Sábado de manhã, ficou muito impressionado com a mensagem que o Pastor Eugénio Farnsworth apresentou. No final da pregação levantou-se no seu lugar para falar. Quando os irmãos o viram levantar-se receberam que ele fosse de novo atacá-los e usar de alguns dos seus habituais improperios. Ao contrário disso, ele começou por dizer: «Não quero que fiquéis com medo de mim, irmãos, pois não vim para criticar-vos. Abandonei toda essa espécie de ocupação.» Recapitulou então sumariamente a sua vida passada, confessando como se opusera à organização da igreja e a quase tudo o mais. Que se havia unido a várias facções, e a este e àquele grupo. Concluiu por fim com

estas palavras: «Os factos são coisas obstinadas. Porém os factos revelam que aqueles que se opuseram a esta obra ficaram reduzidos a nada, enquanto que os que são seus amigos têm prosperado — desenvolveram-se melhor, são mais piedosos, mais semelhantes a Deus. Os que se lhe opuseram só aprenderam a combater e a debater, perderam toda a sua religião. Nenhum homem honesto pode deixar de ver que Deus está com eles e contra nós. Eu quero estar em comunhão com este povo no coração e na igreja.»

Havia muitos anos que os irmãos não estavam habituados a ouvir uma declaração de Estêvão Smith semelhante a esta. Ele pensava permanecer nos dias seguintes em Washington, para estar presente no culto de Sábado seguinte. Entretanto, na quarta-feira, lembrou-se da carta que Ellen G. White lhe enviara havia 28 anos e que ele guardara bem no fundo da sua velha mala, sem nunca a haver aberto, e, por conseguinte, desconhecia todo o seu conteúdo.

Resolveu no dia seguinte de manhã, quinta-feira, regressar a casa para ir ver o que dizia aquela carta. Abriu a velha mala e procurou o envelope, já amarelado pelos anos, no fundo da mesma. Abriu então o envelope e começou a ler a carta. Era uma mensagem muito interessante. Dizia-lhe que Deus o amava e estava ansioso por salvá-lo. Dizia-lhe também como seria a sua vida caso decidisse seguir os seus próprios caminhos.

Enquanto lia pensou para si mesmo: «Aqui está o retrato da minha vida, exactamente o que eu tenho vivido durante estes 28 anos passados. E aqui está também o que eu poderia ter sido.»

O que acabara de ler impressionou-o de tal maneira que resolveu voltar para Washington a fim de estar presente no culto do Sábado que se avizinhava.

Nesse Sábado o Pastor Farnsworth pregou sobre o Espírito de Profecia no movimento adventista. Mal terminou, Estêvão Smith levantou-se de novo no seu lugar e disse: «Eu próprio recebi um testemunho há 28 anos. Levei-o para casa e meti-o no fundo de uma velha mala, e nunca o li até esta quinta-feira passada.» Disse ainda que temera lê-lo e enlouquecer e a seguir

acrescentou: «Estive quase louco todo este tempo — louco para todos e tudo. Irmãos, cada palavra do testemunho que me foi dirigido é verdade, e eu o aceito. Cheguei ao ponto em que acredito firmemente que todos eles [os testemunhos] são de Deus. E se eu tivesse dado ouvidos ao que o Senhor me enviou, bem como aos demais, isso haveria mudado todo o curso da minha vida e eu teria sido um homem bem diferente. Qualquer homem honesto dirá que eles encaminham sempre o homem para Deus e para a Bíblia. Se o homem for sincero, é isto mesmo que dirá; se não o quiser dizer, então não é honesto. Caso eu lhes houvesse dado ouvidos, isso ter-me-ia poupado um mundo de aflições. Os testemunhos disseram que não deveria haver mais pregação de tempo definido depois do movimento de 1844, mas eu achei que sabia tanto como as visões de uma velha, como eu costumava chamá-la. Que Deus me perdoe! Mas, para minha dor, verifiquei que as visões estavam certas e o homem que julgava saber tudo estava completamente errado, pois preguei o tempo em 1854 [tempo em que um pequeno grupo pensava que Cristo havia de vir] e gastei tudo quanto tinha, quando, se lhes houvesse dado ouvidos, ter-me-ia poupado a tudo isto e muito mais. Os testemunhos estão correctos e eu estou errado.» Depois, a finalizar, disse o seguinte: «Estou demasiado velho para desfazer tudo quanto fiz. Estou demasiado fraco para ir às nossas reuniões grandes, mas quero que digais ao nosso povo, em toda a parte, que mais um rebelde se rendeu.»

Segundo os relatos de irmãos da época, o irmão Estêvão Smith viveu o resto da sua vida em plena confiança e fé para com Deus e em harmoniosa comunhão com os irmãos. Passou a ser um homem totalmente transformado.

Disse Ellen G. White a respeito da sua obra: «Recomendo-vos, prezado leitor, a Palavra de Deus como regra de fé e prática. Por essa Palavra haveremos de ser julgados. Deus, nessa Palavra, prometeu visões nos 'ÚLTIMOS DIAS'; não como uma nova regra de fé, mas para conforto do Seu povo, e para corrigir os que se afastam da verdade bíblica.» (*Primeiros Escritos*, pág. 78).

Prezados leitores, é possível que nenhum de nós tenha alguma vez recebido uma mensagem directa de Deus por intermédio de algum dos Seus mensageiros escolhidos. E mais certo ainda é não termos tratado uma tal mensagem como o fez o irmão Estêvão Smith. Mas desejo levar-vos a reflectir. Se possuímos as muitas mensagens do Espírito de Profecia nos vários livros que temos nas nossas estantes, e, todavia, não as lemos, não estaremos a agir como o fez esse ir-

mão? Reflitamos nesta pergunta e busquemos aplicar-nos ao estudo e meditação dessas mensagens que nos ajudarão, sem dúvida, a melhor compreender a Palavra de Deus e a preparar-nos para a grande eternidade prestes a manifestar-se com a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo.

Manuel Nobre Cordeiro é pastor das igrejas de Aveiro e responsável pela Secção do Espírito de Profecia da nossa União.

MARIANA M. PALMA

A Grande Espera

Rolam as eras, desfazem-se as civilizações, os homens sonham e lutam, os impérios desmoronam-se como baralhos de cartas.

Surgem novos sonhos e novas quimeras e o homem continua no mesmo estádio de engano e frustração. Só a vontade de Deus permanece inalterável e vai traçando o seu caminho por entre a confusão e o ruído ensurdecedor dos concílios e dos acontecimentos que vão surgindo aqui e além, o ruir das muralhas levantadas pela obsessão dos que pretendem vencer o desabar progressivo de um mundo que foi criado belo e puro para habitação de seres puros e perfeitos.

O mesmo se passa com as criaturas humanas. Os que fundamentam o seu modo de vida nas coisas passageiras e efémeras são arrastados pelos enganos de tudo o que é falível, enquanto aqueles que por tendência própria ou por uma necessidade cultural, ou ambas, se isolam da multidão desordenada e seguem serenamente o caminho traçado por Jesus, na esteira da sementeira deixada pelas Suas palavras e assim podem distinguir o que os separa do efémero e do eterno, do falso e do verdadeiro.

Contudo, é tão simples buscar as estradas de Jesus, desde que nos entreguemos a Ele de alma e coração! Tão difícil e arriscado, desde que desprezemos e nos afastemos do Seu raio de acção, que é a vereda da Verdade, do Amor e da Luz. Dados os cuidados do amante Salvador por nós, até parece mais fácil qualquer pessoa salvar-se do que perder-se.

As palavras de Jesus, ao longo de Sua passagem na Terra, ficaram a ressoar nos ecos por todo o sempre; só um mundo

louco pode amordaçar, para ouvidos menos atentos, a Sua voz que remove montanhas, vem das profundezas da sabedoria divina e conhece os Seus como os dedos de Suas mãos, enquanto nós, nem nos conhecemos a nós mesmos.

Quando Ele nos disse: «Eu voltarei outra vez e vos levarei para mim mesmo, para que onde Eu estiver estejais vós também», revelou-nos uma certeza que não pode falhar, porque Ele o prometeu.

Quando Ele nos disse: «Ressuscitarei ao terceiro dia e vos levarei para Meu Pai», os que rastejavam nos bastidores da morte tremeram, e os que viviam em Sua luz rejubilaram. O mesmo sucede hoje. Aqueles que se mantêm alheios a Cristo e não contam com Ele, medram na escuridão e serão irremediavelmente surpreendidos pela Sua vinda nas nuvens. Mas os que a aguardam como o cumprimento de Sua palavra, a qual nos abrirá as portas do Céu, estarão atentos como os pastores da Judeia e os magos do Oriente.

Porém, essa luz reverberante que atravessará os espaços pela última vez, após tantos avisos, já não poderá salvar os que teimam em permanecer nas trevas. Então dirão aos montes que os esmaguem porque não podem suportar a luz de Cristo. Assim morrerão impenitentes como resultado do seu orgulho e voluntária cegueira de hoje.

Os que O aguardam como o maior acontecimento de suas vidas conhecerão o que é a suprema felicidade e partirão com Ele para as alturas, rumo à eternidade. São os que Jesus prometeu vir buscar.

Mariana M. Palma é membro da igreja da Reboleira

Ngiratkel Etpison, Presidente da República das Palau

Ele é o primeiro e único Adventista Chefe de Estado do seu país.

Quando era menino, Ngiratkel Etpison vendia gelados nas ruas da sua ilha natal, no Sul do Pacífico, e não sonhava que um dia haveria de tornar-se o primeiro presidente eleito do seu país.

Aquela criança, cheia de vida e empreendedora, foi crescendo e, com o passar dos anos, tornou-se um respeitado homem de negócios cristão. Actualmente, ele é o *Honorable* Ngiratkel Etpison, Presidente da República das ilhas Palau, na Micronésia, e possui a singular distinção de ser o primeiro e único Adventista do Sétimo Dia a tornar-se chefe de estado.

A República das ilhas Palau, um grupo de ilhas junto às ilhas da Carolina Ocidental, a leste das Filipinas, não tem, evidentemente, quaisquer pretensões a ser um poder de âmbito mundial. A sua população não excede os 15000 habitantes e a sua superfície ronda apenas os 500 quilómetros quadrados.

Todavia, é digno de nota que um país tenha eleito para seu presidente, *intencionalmente*, um activo Adventista do Sétimo Dia, pois tal facto constitui uma declaração da visão positiva e do respeito que os seus cidadãos têm pelos Adventistas do Sétimo Dia e, em particular, pela vida do Presidente Etpison.

Etpison cresceu num lar sem religião e o seu primeiro contacto com os Adventistas do Sétimo Dia ocorreu em 1956, ao assistir a uma série de conferências feitas pelo pastor Toribiong,



Ngiratkel Etpison e esposa.

o primeiro missionário adventista a visitar a ilha depois da Segunda Guerra Mundial. Etpison tinha então 28 anos de idade. Entregou o seu coração ao Senhor e foi baptizado. Foi o primeiro membro da sua família a tornar-se cristão e adventista do sétimo dia. Um pouco mais tarde, sua mulher Yuchang, bem como os filhos, baptizaram-se também.

Bênçãos extraordinárias

Através dos anos, Etpison tem sido uma bênção extraordinária para a Igreja Adventista das Palau, prestando-lhe auxílio financeiro e de liderança.

Na sua juventude, ele, como tantos jovens, acalentara o sonho de um dia ser rico. E conta que, mesmo antes de

se ter tornado cristão, pediu a Deus que lhe “desse uma oportunidade de ser um homem rico”. Etpison está convencido de que aquela oração simples, feita a um Deus que ele não conhecia, deve ter sido ouvida e respondida. Porque parece que onde quer que ele ponha a mão, tem êxito e prospera. O seu negócio de gelados e doces transformou-se em bombas de gasolina e, a seguir, num escritório de importações e exportações. Actualmente ele possui empresas de gasolina, de seguros, compra e venda de propriedades, turismo, autocarros, companhias de pesca e hotéis. E é presidente da Palau Shipping Company, a única linha marítima que serve as ilhas Palau.

Sim, a sua oração por riqueza foi respondida. Mas foi só quando se tornou cristão que ele começou a perceber a razão porque Deus o abençoara tão grandemente: Fora para que ele pudesse erguer bem alto o estandarte da Igreja Adventista nas ilhas Palau e para que a obra do Senhor ali pudesse prosperar. E, efectivamente, a obra adventista tem crescido em tamanho e em respeito. Possuímos hoje uma grande igreja bem no centro da cidade capital, Koror, uma escola primária e outra secundária, na Missão de Palau, com cerca de 260 alunos. Além disso, o Adventismo do Sétimo Dia tornou-se uma religião “forte e bem vista”, como diz Etpison. “Temos congressistas adventistas, deputados adventistas, legisladores adventistas e altos funcionários adventistas.”

O próprio Etpison, antes do seu actual cargo, foi presidente do Congresso das Palau, chefe do governo e líder da assembleia. Mas ser presidente da República, “disso eu não tinha nenhuns planos”. E uma das razões porque tal aconteceu foi que os dois primeiros presidentes, desde que as Palau ascenderam à independência, em 1980, foram assassinados.

Contudo, em 1988, Etpison foi eleito pelo povo para um mandato de quatro anos como presidente. Como é que isto aconteceu? Etpison acha que foi um milagre. Quarenta dias antes da eleição, os dirigentes governamentais foram ter com ele e pediram-lhe que se candidatasse à presidência. E apresentaram-lhe duas razões: “Você é um bom cristão na sua religião” e “Você é um próspero homem de negócios, tem sido um líder governamental durante muitos anos e demonstrou que é capaz de desempenhar cargos de maneira responsável.” “Eles disseram-me, inclusivamente, que a minha idade era a idade ideal para relaxar e fazer o trabalho”, diz Etpison, com um sorriso. “Eles queriam um líder com sinceridade e integridade e preferiam um Adventista do Sétimo Dia.”

Porquê?

A resposta de Etpison faz-nos ver a razão porque o Adventismo é hoje “forte e bem-visto” nas ilhas Palau: “Com os Adventistas não há controvérsia entre os dirigentes, não há medo de que os trabalhadores façam greve contra o governo, não há medo de assassinatos, e as pessoas são calmas e descontraídas.”

A vida do Presidente

Etpison confessa que é muito fácil ser presidente. “Os dirigentes trabalham bem em conjunto, e dispuseram as coisas de maneira a ter sempre o Sábado livre. Até agora, todos os horários foram ajustados para que o trabalho da governação cesse ao Sábado e todos os grandes acontecimentos estão programados para outros dias.”

Willy Nobuo, departamental dos Ministérios da Igreja da Missão de Guam-Micronésia, acha que esses ajustamentos todos se devem ao facto de o cristianismo de Etpison estar bem patente. “Toda a gente sabe que o Presidente é adventista e que já o era

antes de ter este cargo. E se o não soubessem, depressa o saberiam.”

O Presidente não dirige nenhuma reunião sem ler primeiro um texto da Bíblia; todas as manhãs, ele tem sempre uns momentos de culto com os seus assessores e a sua Bíblia encontra-se sempre em cima da sua secretária, como testemunho silencioso, a todos quantos ali vão, de que ele é um cristão adventista.

Reflectindo sobre a sua vida, Etpison diz que a vê “como uma bandeira da Igreja Adventista do Sétimo Dia”. Declara que sente uma grande responsabilidade para com Deus pelo privilégio de dirigir a sua própria nação. Acredita que o Senhor tem planos específicos para as Palau e que Ele suscita líderes — mesmo de modos pouco usuais — para cumprirmos o Seu plano.

O que pensa do “modo pouco usual” como ele mesmo chegou à presidência das Palau, ele o descreve de maneira humilde, e diz que só espera poder cumprir o que Deus desejava quando o investiu na liderança da sua nação. E não tem dúvidas sobre as suas crenças, a ponto de dizer que se algo ameaçasse comprometer a sua fé ou práticas cristãs, ele escolheria antes permanecer como “servo do meu Deus do que na minha posição de presidente.”

O milagre de se ter tornado presidente é apenas um dos muitos milagres que ocorreram na família Etpison. Quando falávamos, na presença do nosso intérprete, Willy Nobuo, por ocasião da última Conferência Geral, o irmão Etpison contou-me a história de um dos seus filhos, que adoecera quando estava fazendo trabalho voluntário na construção da actual igreja adventista de Koror.

“Quando os médicos o examinaram, descobriram que ele tinha o coração muito dilatado e que não poderia funcionar muito mais tempo. A única solução era uma ‘troca’ de coração. Tomámos o avião para o Texas, para fazer a operação, mas os médicos disseram que já não havia esperança para ele e que, de qualquer maneira, ia morrer. Disseram-nos para o trazer para casa — se ele conseguisse aguentar a viagem.

“O exército dos Estados Unidos transportou-o então num voo especial. No caminho, tivemos de parar no Ha-

vai para arranjar mais oxigénio, e o médico dali disse-me também que não nos podia dar nenhuma esperança e que o trouxéssemos para casa o mais depressa possível. Os lábios do nosso filho estavam reventados, as suas pernas inchadas e ele chorava.

Oração de despedida

“Quando chegámos às Palau, reunimos a nossa família e pronunciamos uma oração de despedida em favor dele. Eu orei durante quase 40 minutos. A minha oração era simples. Disse ao Senhor que O amávamos, que acabávamos de começar a construção da igreja (onde o meu filho conduzia equipamento pesado), que Ele nos dera riqueza, mas que isso e tudo o mais não tinha nenhum valor, que desejávamos que o nosso filho vivesse.

“Depois dessa oração de despedida, o meu filho, em angústia, adormeceu. Eu pensei que era o fim, e por isso deixámo-lo descansar. Ele dormiu das 8 da manhã às 4 da tarde. Nessa altura levantou-se, tomou um ducho e disse-nos que tinha fome. Levámo-lo à clínica adventista de Guam, onde ele foi de novo observado, fez análises e receitaram-lhe nova medicação, que ele tomou durante um mês. Depois levámo-lo ao Havai e o médico dali voltou a examiná-lo e disse-nos que o seu coração estava completamente normal. Nós considerámos isto um milagre.

“E o nosso filho voltou a trabalhar nas obras da construção da igreja e na comunidade durante quase um ano e meio. Um dia, quando ia dar assistência às vítimas de um desastre de avião, no aeroporto, a sua viatura de pronto socorro despistou-se, e ele e o seu passageiro foram mortos.

“Muitas vezes eu pergunto: ‘Porquê, meu Deus? Porquê, primeiro o milagre, e a seguir o desastre?’ Talvez Deus soubesse que precisávamos de trabalhar um com o outro durante mais um ano e meio.

“Tudo o que eu sei é que Deus responde às orações e que vive para ajudar os Seus filhos, e para todo o sempre. Não tenho razões de queixa do Seu amor.”

Myron Widmer é redactor-adjunto da Adventist Review, donde este artigo é traduzido (20.12.1990).

Cooperai com Deus

Precisamos de mais colportores que se dediquem a este nobre ministério e que se preparem para usar todos os meios disponíveis para ajudar a salvar a humanidade.

«**E**m vosso trabalho encontrareis os que estão batalhando contra o apetite. Falai palavras que os fortaleçam e os animem. Não deixeis Satanás apagar a última centelha de esperança do seu coração. Cristo diz ao errante, vacilante e que luta contra o mal: 'Deixai-o vir a Mim'; e Ele coloca a Sua mão debaixo dele e o levanta. A obra que Ele fez por vós, como seus evangelistas, podeis fazer ao irdes de lugar em lugar. Trabalhai com fé, esperando que almas sejam ganhas para Aquele que deu a Sua vida a fim de que homens e mulheres pudessem estar junto de Deus. Cooperai com Deus para ganhar o beberão e o adepto do fumo, dos hábitos que os rebaixam até ao ponto de estarem abaixo do nível dos animais que perecem.» *Review and Herald*, 7 de Janeiro de 1903.

Este é o desafio lançado a todo o Colportor-evangelista, mas também a todos aqueles que poderiam dedicar as suas vidas a este trabalho, que têm talentos, mas que por qualquer motivo ainda permanecem retraídos, sem se colocar ao serviço do Mestre.

Vivemos num mundo onde as pessoas se autodestroem. As estatísticas apontam como principais factores que levam à morte devido ao cancro, na Europa, os mesmos que em 1903 E. White mencionava como factores degradantes do ser humano.

O tabaco — estima-se que provoque 220.000 mortes por ano.

A alimentação — estima-se que o número seja igual, aproximadamente, a 220.000.

O álcool — estima-se que provoque cerca de 30.000 mortes por ano. (*Europa Contra o Cancro*). Como curiosidade podemos referir uma triste rea-

lidade do nosso país. Os portugueses doentes de alcoolismo têm o seu primeiro contacto com o álcool bem cedo: 83% na infância, 15% durante a adolescência, e só 2% na idade adulta. A imoderação acontece igualmente numa idade bastante precoce: 17% na infância, 59% na adolescência e 23% na idade adulta. (*Jornal do Médico*, Porto, 5 de Abril de 1990, p. 409).

Poderíamos multiplicar as notícias e as estatísticas, mas parecem-nos significativos os números atrás mencionados. Existe um gigantesco trabalho a ser feito pelos nossos colportores, que podem falar nas escolas, nas fábricas, nas oficinas e nos lares. A nossa literatura tem a resposta para muitos dos problemas da humanidade. Mais colportores devem vir para se prepararem para esta aliciante tarefa. O Departamento de Publicações preparou uma série de temas acompanhados de diapositivos para que os colportores possam apresentar nas empresas e noutros grupos, palestras de sensibilização sobre estes assuntos. Procuramos ter cada vez mais possibilidades de diversificar os nossos métodos de abordagem, a fim de podermos ir ao encontro dos problemas da sociedade.

Na sinagoga de Nazaré, lia Jesus as palavras do profeta Isaías que descreviam o Seu Ministério: "O Espírito



do Senhor é sobre mim, pois me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-me a curar os quebrantados de coração, a apregoar a liberdade aos cativos, a dar vista aos cegos e a pôr em liberdade os oprimidos; a anunciar o ano aceitável do Senhor." (Lucas 4:18,19). Ser Colportor-evangelista é seguir os passos de Jesus. É evangelizar, é curar, é levar aos outros a libertação dos vícios, dos maus hábitos e do pecado. É ajudá-los a desvendar os perigos do mal e anunciar-lhes a Salvação em Cristo.

Precisamos de mais colportores que se dediquem a este nobre ministério e que se preparem para usar todos os meios disponíveis para ajudar a salvar a humanidade.

Fernando Ferreira é Departamental de Publicações da nossa União.

Próximo Curso de Iniciação à Colportagem evangelística: Junho de 1991

Contactar o *Departamento de Publicações*
União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia
Rua do Jorgim, 166, Oliveira do Douro - 4400 V.N. GAIA

«Buscai primeiro o Reino de Deus...»

É importante estabelecer correctamente as nossas prioridades

Quem observar com atenção os acontecimentos actuais à luz da palavra profética, constatará, com profunda alegria, que eles avançam muito rapidamente em direcção ao dia da volta de Jesus Cristo. A Sua vinda está, sem dúvida, iminente. A evolução da situação na região do Golfo, no decurso dos últimos meses e semanas, é disso evidente demonstração. Mas será que nós reconhecemos a seriedade da hora presente? A seriedade dos significativos momentos que estamos vivendo? Ou acontecemos-á o mesmo que aos discípulos de Jesus, no jardim do Getsemani? Diante da hora que se aproximava, Jesus entrou em luta. O plano da salvação estava em jogo. Mas que faziam os discípulos? Dormiam. Desanimados, eles tinham abandonado a luta, e isso porque não tinham sabido reconhecer a hora da Deus. As suas prioridades haviam sido mal estabelecidas. Não correremos nós, hoje, o mesmo perigo? As palavras do Senhor, “Buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça” (Mat. 6:33), são mais do que nunca actuais e urgentes.

A importância das prioridades

É importante estabelecer correctamente as nossas prioridades. Disso dependerá o êxito ou fracasso da existência, uma vida assinalada por intensa alegria ou por desmoralizante frustração, a vitória ou a derrota, a certeza da salvação ou a dúvida, a vida eterna ou a morte definitiva.

A nossa primeira e essencial prioridade é o reino de Deus. Dietrich Bonhoeffer exprimiu este pensamento nos seguintes termos: “Deus quer que nós O amemos de todo o coração, a Ele e à Sua eternidade; não de maneira a suprimir as nossas afeições terrenas, ou a enfraquecê-las, mas, de

certo modo, como o *cantus firmus*, com o qual as outras vozes da existência ressoam em contraponto. (...) Onde quer que o *cantus firmus* for claro e distinto, o contraponto poderá desenvolver-se o mais possível.”

A nossa vida só será tocada pela harmonia se Deus e a Sua eternidade, se o Seu reino e a Sua justiça constituírem a nossa primeira preocupação; se todas as outras coisas, as nossas aspirações e os nossos desejos lhes forem submetidos.

As parábolas do tesouro escondido no campo e da pérola de grande preço, que Jesus contou (Mat. 13:44-46), mostram-nos a importância das nossas prioridades. Por duas vezes nos é dito que aquele que os descobre vende tudo o que tem para poder comprar, ou o campo, ou a pérola.

O convite do Senhor, “Buscai primeiro”, deve tornar-se a nossa experiência diária, desde que acordamos, ao buscarmos a comunhão com Deus, antes de sermos submersos pelas nossas actividades seculares. Neste domínio, Jesus deixou-nos um exemplo maravilhoso: “E levantando-se de manhã, muito cedo, fazendo ainda escuro, saiu, e foi para um lugar deserto, e ali orava” (Marcos 1:35). Que se passa com o nosso culto matinal pessoal et familiar? Qual é a nossa escala de valores em relação à Palavra de Deus, à igreja e à missão que lhe foi confiada? Que lugar damos nós, na nossa vida e actividades, à Missão Global? Que lugar ocupa este plano nos nossos próprios conselhos de igreja? Num documento da Conferência Geral, datado de 1976 e intitulado “Evangelização e terminação da obra”, lia-se a seguinte frase: “Às vezes, estamos tão absorvidos por assuntos importantes que nos falta o

tempo para aqueles que são essenciais.”

Em Outubro de 1917, os bispos ortodoxos reuniram-se em Sampetersburgo para debater importantes assuntos. O objecto das suas discussões e deliberações era que cor deveriam ter as suas mitras. Nesse mesmo momento, e a poucas casas daquele lugar, Lenine proclamava a revolução!

Perante as grandes possibilidades que se nos apresentam hoje na Europa de Leste, devido aos acontecimentos que todos conhecemos, esta exortação de Jesus, “buscai primeiro”, fascina-me e causa-me grande preocupação. Já estabelecemos nós a nossa lista de prioridades, de acordo com tais acontecimentos?

Questões relativas à estrutura, à reorganização e administração têm, sem dúvida, o seu valor e o seu significado. Todavia, elas não devem preocupar-nos ao ponto de absorver todas as nossas forças e todo o nosso tempo, fazendo-nos negligenciar as realidades e necessidades absolutas, que são a evangelização, a Missão Global, o cumprimento do nosso mandato, que consiste em pregar as boas novas do reino de Deus ao mundo inteiro, para testemunho de todas as nações (Mat. 24:14).

Que o Senhor nos conceda a sabedoria, a coragem e a determinação de que precisamos para dar resposta ao apelo de Jesus: “Buscai primeiro!”

E. Ludescher é o presidente da Divisão Euro-africana.

O Elefante Adventista

O que é a verdade?

Esta pergunta, feita por Jesus a Pilatos, traduz bem o mal-estar de muitos de nós. Algumas pessoas gostariam de enquadrar a sua fé numa série de clichés pessoais, muito diferentes da visão dos outros, os quais, contudo, são tão verdadeiros quanto os seus.

Um velho poema da minha infância contava a história de seis cegos do Indústão, que quiseram “ver” um elefante. Como este era um animal muito volumoso, ao examiná-lo, cada um dos cegos tocou apenas uma parte do elefante, e, a partir dessa sua observação, imaginou como era.

— Parece-se com uma corda, exclamou um deles, que agarrou na cauda do elefante.

— Nada disso, disse outro, que apalpou o flanco do animal. Parece-se é com uma parede!

— Não senhor. O elefante é como um grande abano!

E assim por diante. Cada um “viu” o elefante à sua maneira, de acordo com o que tivera oportunidade de observar. A lição sugerida pelo autor do poema é que, em parte, cada homem tinha razão, mas que, finalmente, todos se enganavam!

Às vezes ouvimos falar de certos crentes adventistas do sétimo dia que estão em desacordo com determinados temas de grande importância. A justificação pela fé, por exemplo, é uma questão tão vasta e elevada que o nosso espírito dela não pode apreender senão uma pequena parte. Uma troca de

impressões sobre este tema transforma-se rapidamente em discussão, e acabamos por perguntar-nos: O que é a perfeição? O que é a graça? Devemos insistir sobre a justificação ou sobre a santificação?

O perfeccionista

Há alguns crentes adventistas que poderíamos qualificar de “perfeccionistas”. São pessoas para quem o bom nunca é suficientemente bom. Para eles, falta sempre o melhor e pensam que Deus está constantemente a medi-los e a julgá-los. Ora, a perfeição é uma doutrina bíblica, mas o perfeccionismo não o é. “O perfeccionismo, escreve David Seamands, é uma contrafacção da perfeição. [...] É o problema emocional mais difícil de superar entre os cristãos evangélicos. E é aquele que mais frequentemente encontro no meu consultório médico.”¹

Todavia, o perfeccionismo não é um problema espiritual novo. O pregador itinerante John Wesley já se lhe referia no seu tempo. Martinho Lutero sentiu-o pessoalmente. A questão é que, muitas vezes, os perfeccionistas não reconhecem o seu problema. Crêem que

estão simplesmente a procurar servir a Deus, a tentar viver na graça, de maneira recta. Mas, ao vê-los agonizar e debaterem-se com tal problema, percebe-se facilmente que nunca o poderão conseguir. “Parecem suportar a sua religião como um homem suporta uma dor de cabeça: não quer desembaraçar-se da sua cabeça, mas, simultaneamente, sofre por ter cabeça.”²

Já tenho tido oportunidade de falar com pessoas que passaram pela experiência do perfeccionismo. Dizem, por exemplo: “Eu estava sempre a tentar...” Ou então: “Eu não tinha descanso nem de dia nem de noite...” É que a ansiedade, a autodepreciação e a culpabilidade cegam essas pessoas a tal ponto, que chegam a pensar que a própria Cruz, em vez de salvá-las, as condena. Um homem descreveu da seguinte maneira a sua luta pelo perfeccionismo: “Jesus mostra-me as Suas mãos dilaceradas e diz-me: Olha! Porque não és tu um melhor cristão?”³

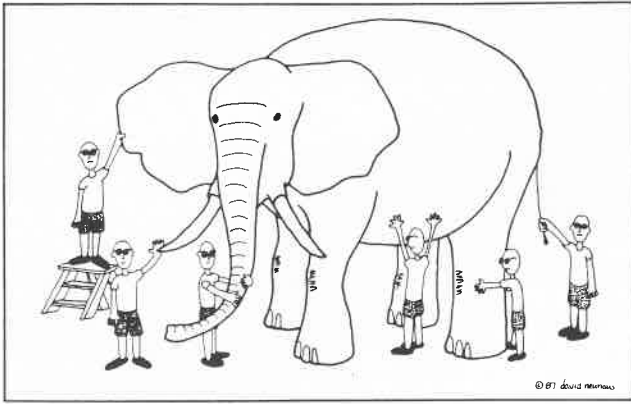
Podemos nós surpreender-nos com o estado de espírito de um perfeccionista, ao vermos que usa uma lupa para ler os conselhos do Espírito de Profecia, e que

essa lupa amplia de tal maneira os pormenores, que isso o leva a estabelecer listas de regras que ele se acha na obrigação de seguir? E quanto mais lê, mais a lista se alonga, até que, finalmente, o desespero se instala nele. “Tem-se o sentimento de que alguém morreu [...] e esse alguém somos nós.”⁴

O cristão despreocupado

Uma pessoa que possua um temperamento completamente diferente deste não pode, provavelmente, compreender a angústia que atormenta o perfeccionista. É natural que assim seja. Mas, precisamente por isso, tal pessoa deve procurar examinar-se a si mesma e ver quais as suas próprias motivações.

Um cristão despreocupado acha que o facto de ter de entrar por uma porta estreita não é razão que exija angústia, e que os princípios cristãos nada têm a ver com o mundo. As suas ambições ou a sua posição social fazem com ele não dê grande importância à religião. Todavia, o cristão despreocupado, tal como o perfeccionista, tem um problema grave. E Deus aproxima-se de cada um deles de modo diferente. Os doentes não precisam todos do mesmo remédio. Paulo, que se achava em estado de extrema miséria, dá grande realce à justificação pela fé. Mas Tiago fala das obras. Ellen White declara: “Desviai os olhos de vós mesmos.”⁵ “Através de um sério exame da nossa vida quotidiana, em todas as circunstâncias, deveríamos conhecer as nossas motivações.”⁶ Será que Paulo e Tiago ensinam coi-



...sas diferentes? FÁ-lo-á Ellen White? Ou será que se dirigem a pessoas com necessidades diferentes?

Necessidades diferentes

O cristão ansioso precisa de desviar os olhos de si mesmo. Somente a graça pode erradicar o temor que se encontra escondido por detrás do perfeccionismo. Para que o cristão abandone o seu zelo doentio — ou a sua total falta de zelo — ele tem de repousar na graça do Senhor. Só ela lhe pode trazer a paz.

Porém, pelo seu lado, o cristão despreocupado precisa de abandonar a sua lassidão e examinar-se a si mesmo. Ele tem de compreender que “a vida cristã é uma vida de lutas, de que precisamos vigiar, orar e trabalhar, de que há perigo para a alma em afrouxar a vigilância espiritual por um momento”.⁷ Mas este pensamento, para o cristão ansioso, tem de ir de par com a certeza de que tudo “isto virá naturalmente, se a alma é guardada pelo poder de Deus, mediante a fé”⁸, e que “Deus aceitará a cada um dos que se chegam a Ele, confiando inteiramente nos méritos de um Salvador crucificado.”⁹

É pena constatar que, devido ao seu temperamento, alguns cristãos muito conscienciosos realçam os princípios fortes, provavelmente em intenção dos cristãos

despreocupados. É que, ao fazê-lo, maltratam-se a si mesmos, enquanto os membros despreocupados continuam a achar uma falsa segurança nos seus próprios princípios de vida. Talvez devêssemos orar cada dia: “Senhor, mostra-me a minha verdadeira natureza e, a seguir, mostra-me o meu Salvador.” A revelação tem de fazer-se, muitas vezes, segundo esta progressão.

Perspectiva e definição

Que se passa com as nossas diferentes interpretações da justiça? E com as nossas ideias sobre a justificação,

santificação, perfeição e graça?

Eis o elefante adventista. Nós lemos os conselhos através da nossa experiência e do nosso temperamento. É pois natural que vejamos as coisas de modos diferentes. E todos temos razão — e todos a não temos!

Temos razão quando apaziguamos os ansiosos e angustiados; não a temos quando negligenciamos advertir o imprudente, o despreocupado, o lasso na sua vivência cristã. Temos razão quando insistimos em que é possível obter a vitória; e não a temos quando consideramos árduo o caminho que conduz ao céu. No que diz respeito à justificação pela fé, Jesus poderia ter-nos dito: “Vós vedes as coisas de um ângulo; outro, igualmente consagrado a Deus, olha o mesmo assunto sob aspecto diverso, e fala das coisas que fazem a mais profunda impressão em seu espírito; outro, vendo-o ainda de um outro ponto de vista, apresenta novo aspecto; e quão impensado é entrar em contenda por essas

coisas, quando não há realmente nada sobre que contender!”¹⁰ Se formos mais sábios que os tais homens do Indústão, havermos de reconhecer que onde as perspectivas divergem, a definição diverge também. Em relação ao vasto tema da justificação, de uma coisa todos podemos ter a certeza e estar de acordo: “O nosso título para o céu e a nossa aptidão para lá chegarmos encontram-se na justiça de Cristo.”¹¹ Todos temos a possibilidade de nos aproximarmos de Cristo e, ao fazê-lo, encontrar-nos-emos mais perto uns dos outros do que pensamos — *Adventist Review*, 27.04.1987.

1. David Seamands, *Healing for damaged Emotions*, 1981, pp. 78 e 79.
2. Hannah Whitall Smith, *The God of all Comfort*, Chicago, 1956, p. 84.
3. Seamands, *op. cit.*, p. 84.
4. Woodward K., *Is Fundamentalism addictive?*, Newswee, 1985, p. 63.
5. E. G. White, *Testimonies*, vol. 5, p. 201.
6. *Ibid.*, vol. 2, p. 512.
7. *Mensagens Escolhidas*, L. 1, p. 182.
8. *Ibid.*, p. 353.
9. *Ibid.*, p. 354.
10. *Ibid.*, p. 183.
11. *O Desejado de Todas as Nações*, Sacavém, Publicadora Atlântico, p. 283 (ed. bolso), p. 283.



O Sonho de Carlos

Quando Carlos chegou ao seu quarto, viu logo que a irmã tinha mexido nas suas coisas e tinha escangalhado o seu jogo preferido. Zangado, gritou-lhe:

— Quem te mandou mexer nas minhas coisas? Não vês o que fizeste?

— Desculpa! disse a irmã. Eu não queria...

— Não desculpo, gritou o Carlos. E detesto-te. Nunca mais te quero ver!

Lena tinha apenas 4 anos, metade da idade do irmão. Mas compreendeu que o assunto era sério e que ele estava muito zangado. Os seus olhinhos encheram-se de lágrimas. Olhou mais uma vez para o irmão:

— Ó Carlos, eu...

— Desaparece daqui. Nunca mais te quero ver!

E Carlos voltou-se para os seus jogos, a tentar reparar o “mal” que a irmã tinha feito. De vez

quando, porém, lembrava-se dela, dos seus olhinhos cheios de lágrimas. Carlos sabia que a tinha magoado e que devia pedir-lhe desculpa. Afinal, o jogo não era assim tão importante! Mas, indo contra a voz da sua consciência, disse para consigo mesmo: “Não faz mal. É para ela aprender a não mexer nas minhas coisas!”

Nessa noite, quando se deitou, Carlos não conseguia dormir. A cena com a irmã, e a maneira cruel como a tratara, estavam sempre presentes no seu espírito. Quando, finalmente, adormeceu, era um sono cheio de sobresaltos.

De repente ouviu gritos, mui-

tos gritos. Levantou-se e foi ver o que se passava. Tanta gente! Que barulho! Viu que o seu pai levava alguém nos braços e corria para o carro. Sentiu um baque no coração: “Santo Deus! É a Lena! Mas para onde a levam?” Uma pessoa aproximou-se dele e disse-lhe:

— Ela está muito doente. Vai para o hospital. Se calhar nunca mais a vês! Mas tu não te importas! Não era isso que querias?

— Não, não! Eu disse aquilo a brincar.

— A brincar? Mas tu estavas tão zangado!

— Mas eu não queria dizer isso. Lena! Maninha! gritou o Carlos.

Naquele momento, a porta do quarto abriu-se de mansinho e um vulto pequeno entrou. Fui junto da cama de Carlos e tocou-lhe ao de leve. Então, ele acordou. Ao ver a irmã junto de si, abraçou-a e rompeu em pranto.

— Ó minha maninha querida! Nunca me deixes, que eu gosto muito de ti! Ainda bem que foi só um sonho!

E Carlos, chorando, abraçava a irmã. Esta não percebia bem o que se passava. Mas a mãe dos meninos, que entretanto chegara, percebeu logo tudo. Acalmando a ambos, disse:

— Olha, Carlitos, isto foi uma lição para ti. Às vezes, quando se zangam, as pessoas dizem coisas que ferem. E as crianças não escapam a isso. Mas nós temos de ter cuidado com as palavras que dizemos. Não sei se sabem com que é que a Bíblia compara a língua?

— A uma espada! disse o Carlos.

— A um fogo, interpôs Lena.

— A ambos. E o apóstolo S. Tiago diz que nós podemos refrear a língua. Assim como o leme de um barco o guia através de ventos e tempestades, assim a nossa vontade pode guiar as nossas palavras e acções.

— Vou ter muito cuidado com a minha língua, prometeu o Carlos.

— Eu também, disse a Lena.

— Olhem, vamos fazer a oração de David. Está no Salmo 141 (v.3) e diz assim: “Põe, ó Senhor, uma guarda à minha boca: Guarda a porta dos meus lábios.” (Sal. 141:3.) — *M. R. Baptista*

Oferta para auxílio em casos de catástrofe

Algumas acções empreendidas pela ADRA, a organização legal adventista para auxílio e assistência em casos de catástrofe ou emergência.

ARMÉNIA: Inauguração de um Centro ADRA para readaptação de crianças

A 19 de Fevereiro de 1991, teve lugar, em Erevan, capital da Arménia, a entrega oficial do Centro ADRA para readaptação de crianças. Foi construído por mais de 30 voluntários, vindos da Alemanha, algumas vezes em circunstâncias difíceis. Ralph Watts Júnior, director da ADRA-Internacional, realçou, no seu discurso inaugural, que são as necessidades e o sofrimento do nosso próximo que levam um cristão a deixar o aconchego do seu lar para se instalar num país estrangeiro, e ali procurar dar o seu contributo.

Tendo nos braços a pequena Gerda, de seis anos, que no sismo de Dezembro de 1988 perdeu os pais, os irmãos e irmãs... e as suas pernas, Ralph Watts continuou: “Eis a razão porque a ADRA aqui está, porque aqui estão estes homens e mulheres, que renunciaram às suas férias anuais.” Todos os presentes compreenderam o significado de tais palavras.

O Dr. Mihran Nazaretian, Ministro da Saúde da República da Arménia, declarou-se impressionado pelo bom aspecto do edifício e exprimiu os seus agradecimentos pelo trabalho realizado. “É a mais bela instituição deste género em toda a Arménia, e talvez em todo o sul da União Soviética”, afirmou ele, manifestan-

do o desejo de que a colaboração com a ADRA continue.

Uma oração de dedicação, feita por Erich Lischek, o director da ADRA-Alemanha, e que constava do programa inaugural, causou profunda impressão em todos os presentes.

Os representantes da ADRA dos Estados Unidos, da Alemanha e União Soviética ficaram extremamente surpreendidos quando, à noite, antes de se iniciar um banquete para o qual foram convidados, ouviram o Dr. Nazaretian pedir que orassem antes da refeição. Quem poderia imaginar uma coisa destas mesmo há dois anos? O nosso plano é enviar para esta instituição, o mais breve possível, um especialista de natação e um terapeuta especial voluntários. Espera poder-se obter rapidamente autorização para trabalhar com crianças diminuídas e deficientes, dado que se tra-

ta de voluntariado. As diligências estão ainda em curso.

Erich Lischek
ADRA-Alemanha

Fome e Guerra em África

Nos últimos meses, muito se tem feito pela Europa de Leste. Mas é preciso não esquecer África, onde as populações continuam a viver em circunstâncias aflitivas, que requerem o nosso auxílio imediato. Tal situação é devida, não só à guerra, mas também às colheitas demasiado exíguas dos últimos anos.

No ano passado, conseguimos novamente mandar 18 toneladas de leite em pó para África. Graças a uma iniciativa privada, vinda da Suíça francesa, seguiram também dois camiões para o Mali e ali procederam localmente à distribuição de géneros de primeira necessidade. Foram



Centro de Erevan.



Camiões da ADRA.

também enviadas encomendas de vestuário e cadeiras de rodas para S. Tomé.

Adolf Kinder
ADRA-Suíça

ADRA-Áustria: Relatório de Actividades

Os primeiros grandes envios de auxílio, após a abertura das fronteiras com a Europa de Leste, esgotaram completamente as capacidades de serviço de que a ADRA dispõe na Áustria. Inúmeras pessoas ofereceram-se então para sacrificar os seus tempos livres, e até as suas férias, a fim de poderem prestar o seu auxílio. Um hospital deu-nos licença para ocupar as antigas instalações da sua lavanderia como depósito provisório de mercadorias e como lugar para se prepararem as encomendas destinadas às famílias. Foi de lá que partiram os camiões carregados, enviados para os países de Leste.

As igrejas adventistas locais organizaram particularmente alguns envios e transportes. A igreja de Salzbourg, por exemplo, efectuou diversos envios para a Roménia. A de Innsbruck, que conseguiu arranjar um camião com um atrelado, encheu-o e pôs-se também a caminho. Outros pontos de base foram Bregenz, Villach, Graz s/Mur, que organizaram acções es-

pontâneas, chamando a atenção das populações sobre os centros de depósito, assinalados com determinadas bandeiras. Todo o material recolhido foi depois levado para o depósito provisório e o dinheiro contabilizado.

Houve também pequenos envios organizados a partir de Feldkirchen e Wiener Neustadt, enquanto que em Steyr e Viena, alguns grupos colaboraram estreitamente com a ADRA-Divisão Euro-africana, financiando o envio regular de camiões, recolhendo mercadorias, levando-as para o depósito ou para o seu destino e, inclusivamente, distribuindo-as.

Todos estes voluntários se empenharam de modo exemplar e é nosso desejo expressar-lhes, uma vez mais, a nossa gratidão, em nome daqueles que beneficiaram de todo este esforço.

Ernst Pala
ADRA-Áustria

Um onda de boa vontade em favor da Roménia

No ano passado, graças a uma indiscriminada onda de solidariedade, foi-nos possível proporcionar importantes e imediatos socorros à Roménia. Com um montante global de aproximadamente de 300 mil contos, importantes quantidades de mercadorias foram encaminhadas para a Roménia

através de transportes de variada importância, mas sempre organizados de maneira exemplar. Mesmo presente-mente, estamos a enviar, semanalmente, encomendas para a Roménia.

Só a Alemanha, à sua parte, expediu 1600 toneladas de géneros alimentares e medicamentos. E graças ao apoio do Ministério dos Negócios Estrangeiros, foi possível organizar em Bona um programa especial de auxílio.

Todas estas provas de solidariedade representaram para o povo romeno, por um lado, a mitigação de urgentes e básicas necessidades alimentares, e por outro, a certeza de que os não esquecíamos. E pouco a pouco aprendem a confiar de novo no desejo de ajudar que é baseado no amor a Deus.

As igrejas da Roménia agradecem a todos os que de alguma maneira contribuíram para minorar o seu sofrimento e por todas essas demonstrações de afeição e solidariedade.

Auxílio também para a Bulgária

A Bulgária tem algumas dificuldades de abastecimento. Por isso, a ADRA, há já alguns meses que está a proceder a envios regulares para este país. A ADRA-Alemanha enviou medicamentos e material especial, bem como roupas destinadas à Clínica de Michailowgrad. Foi também feito um envio de 6000 peças de roupas novas para adultos e crianças.

A ADRA-Áustria fez transportar 10 toneladas de géneros alimentares para Sofia. E a Suíça enviou 15 toneladas de vestuário para a União Búlgara dos Adventistas do Sétimo Dia. O transporte foi feito num autocarro VW posto à disposição pela Suíça, tendo a Áustria garantido o combustível diesel. A Associação da Saxónia transferiu um camião seu para a Bulgária.

Nos últimos meses, enviaram-se para a Bulgária 15000 Bíblias, bem como papel e placas de impressão para mais 30000 livros.

Assim que conseguirmos organizar as infraestruturas adequadas para a distribuição de outros auxílios, poremos de pé projectos mais importantes, como, por exemplo, o envio, dos Estados Unidos, através da Europa, de grandes quantidades de géneros e de medicamentos. Temos também planos para começar um grande projecto agrícola.

A Bulgária vai ainda precisar da nossa assistência e auxílio nos próximos meses.

Angola

No decurso dos últimos meses, a ADRA enviou para Angola vários contentores com géneros alimentícios e roupas. O valor destes envios eleva-se a perto de 65 mil contos. Actualmente está em curso um programa de auxílio imediato, constituído essencialmente por bens alimentares, a fim de socorrer o sul do país, particularmente afectado. Graças a arranjos feitos com a ONU, temos assegurado o livre acesso aos territórios sinistrados.

É impossível compreender perfeitamente a situação desesperada destas populações, se bem que a sua simples aparência exterior mostre de imediato a sua subalimentação. Os nossos irmãos e irmãs estão muito agradecidos pelo auxílio que lhes estamos enviando e vivem na esperança de que este se continue a processar.

Refugiados da Libéria

“A situação da Libéria degrada-se cada vez mais”, relatava um jornal diário de Francfort, a 11 de Fevereiro do corrente ano. A Libéria está ameaçada de fome fatal, sem qualquer perspectiva de socorro. Mais de metade dos

seus habitantes (calculados em dois milhões e meio), já deixaram o país desde que começou a guerra civil.

A ADRA está precisamente a organizar um programa de auxílio que importará em cerca de 60 mil contos. A ADRA-Divisão Euro-africana assegura apoio financeiro ao referido programa.

Refugiados do Iraque

Por intermédio da ADRA-Alemanha, foi organizada uma acção destinada a socorrer os refugiados iraquianos que se deslocaram para a Jordânia. Consiste na distribuição de géneros alimentícios de primeira necessidade, vestuário, cobertores e colchões. A parte da Divisão Euro-afri-

cana é de 4.300 contos.

Neste momento a ADRA-Internacional prepara um programa de repatriamento para estes refugiados.

1990: Um ano muito activo

Quando, para uma organização de auxílio e assistência, um ano se pode qualificar de muito activo, sob tal termo esconde-se um universo de dor e sofrimento. Esse é certamente o caso do ano de 1990, quando se observam estes relatórios. A Roménia, a Rússia, Angola, Moçambique, Madagascar, S. Tomé e outros países foram os destinatários de auxílios de grande envergadura. Chegam-nos testemunhos de gratidão e

agradecimento de milhares de pessoas que foram socorridas. Isso foi possível devido às inúmeras ofertas recebidas, tanto em dinheiro como em material, bem como ao empenhamento de tantos que vo-

luntariamente nos deram a sua colaboração.

Os números do presente relatório das Receitas e Despesas do Fundo de Auxílio em casos de catástrofe, de 1990, são eloquentes:

Receitas provindas da Oferta para o Fundo de Catástrofes e ofertas especiais:	Esc. 111.800.000\$00
Despesas para projectos de auxílio em caso de catástrofes	Esc. 82.070.000\$00
Fundo de Catástrofes da Conferência Geral	Esc. 12.100.000\$00
Transferência para Reservas 1991 ou para projectos em curso	Esc. 17.630.000\$00
	<u>Esc. 111.800.000\$00</u>



Descarregar e distribuir.



Registo e entrega.

Agradecemos a todos os nossos irmãos e irmãs, e a todos os amigos que contribuíram para este resultado e que, certamente, uma vez mais participarão generosamente na

OFERTA PARA O FUNDO DE CATÁSTROFES, no Sábado 11 de Maio de 1991

Erich Amelung
Tesoureiro da Divisão Euro-Africana.

VIDA E SAÚDE

O Curso que se esperava

Foi preparado este Curso por correspondência, em 14 lições, para que as pessoas possam obter uma melhor informação sobre a sua saúde. Abrangendo alimentação, stress, fumo, droga, álcool, etc, este Curso torna-se um magnífico contributo da Igreja à causa da Organização Mundial de Saúde no seu objectivo «Saúde para todos no ano 2.000».

Igualmente recomendado para os crentes adventistas, incentivamos a sua promoção nas igrejas. Os pedidos podem ser feitos à **VOZ DA ESPERANÇA**, em postal especialmente preparado para esse efeito e já distribuído às igrejas. — **A. Nunes**, Departamento de Comunicações da União Portuguesa.

Reconstrução da Igreja de S. Julião

Embora actualmente eu seja membro da igreja da Amadora, o meu coração continua ligado a S. Julião, a minha aldeia e a minha igreja. Foi lá que me baptizei e no próprio edifício da igreja nasceram os meus filhos.

Por isso, tive uma grande alegria ao saber que a nossa União tem um plano para reconstruir a igreja de S. Julião e dar novo incremento à nossa obra naquele lugar. Certamente que o apelo que a *Revista Adventista* publicou encontrará eco em muitos antigos membros de S. Julião, que hoje estão espalhados por outras igrejas nossas.

Eu acho que a nossa Igreja tem futuro em S. Julião e por isso gostaria de relatar uma pequena experiência. Por volta de 1963, a direcção da Escola Sabatina, de que eu fazia parte, decidiu oferecer uma Bíblia às visitas que assistissem regularmente. Uma das pessoas que a recebeu foi uma senhora que actualmen-

te rondará os 60 anos de idade e que era filha de irmãos nossos, de muita fé, o casal Joaquim Carvalho.

Há dois anos, quando fui a S. Julião, decidi visitar algumas pessoas que em tempos frequentaram a igreja e receberam a Bíblia. Encontrei essa senhora e perguntei-lhe:

— Então, sempre leu a Bíblia?

— Comecei a ler, disse ela, mas não cheguei ao fim, porque não compreendia nada. É preciso que haja alguém que nos explique. Senão, como vamos compreender?

Esta resposta — e não foi a única — calou fundo no meu coração. Tem de haver outra vez uma igreja em S. Julião, para que “explique” a Palavra de Deus e traga muitas almas para a nossa fé.

Martinho Jacob Realinho
Antigo membro da igreja de S. Julião

Por Terras de Santa Maria

Realizou-se no sábado, 6 de Abril, o primeiro encontro das igrejas e grupos desta zona: Espinho, Oliveira de Azemeis e Santa Maria da Feira. Teve lugar no salão do orfeão desta cidade, graciosamente cedido para o efeito.

O hino “Vinde Povo do Senhor” deu início ao encontro e à Escola Sabatina desse Sábado, grande para a vida da comunidade adventista de Espinho que, de modo impressionante, deu a conhecer às autoridades locais a realização deste encontro, vincando assim a existência da Igreja Adventista nesta área. Ainda durante a Escola Sabatina, foi feita uma abordagem histórica da cidade de

Espinho em comparação com a cidade que almejamos, a Nova Jerusalém. E, apropriadamente, a primeira lição do livro de Ezequiel falava dos entraves desta vida para a entrada nessa cidade: “Quando a tragédia nos surpreende! O culto realçou a breve vinda de Jesus, garantida pelos escritores bíblicos, num momento em que o mundo clama por paz e estabilidade que, afinal, só podemos encontrar em Cristo.

De tarde, após uma saída missionária, teve lugar uma Cantata de Páscoa, apresentada pelo coro e pelos grupos Libertador e Instrumental da igreja de Espinho, que assim realçaram a vida

de Jesus, da meninice ao Calvário, proclamando igualmente o Seu Reino eterno. Esta parte do programa foi anunciada pelo Rádio Clube da Feira e contou com a presença de um repórter de um jornal da região, além de algumas

visitas que nos transmitiram a alegria das suas expressões. A ceifa pertence a Cristo.

Sidónio Novo
Igreja de Espinho

Queluz: Escola Cristã de Férias

Foi efectuada na igreja de Queluz uma Escola Cristã de Férias, de 25 a 28 de Março e de 1 a 4 de Abril deste ano.

Total de inscritos:	30
Média de assiduidade:	24
Percentagem de não crentes:	60%
Percentagem de crentes	40%

Foi gratificante o trabalho com estas crianças e ver o quanto aprenderam durante duas semanas. Foi também muito confortador ouvir uma avó que deu o seu testemunho público na festa de encerramento, dizer que ela é que tinha de agradecer pelos seus netos terem participado de um programa

tão bom, que ela não sabia que existia e que lamentava só ter sabido na segunda semana.

Pelo menos uma das crianças não adventistas que veio a esta Escola Cristã de Férias está assistindo regularmente às reuniões da igreja.

A equipe que trabalhou neste programa sentiu-se profundamente feliz ao ver o entusiasmo e a participação das crianças, pelo que a Escola Cristã de Férias constituiu também forte incentivo espiritual para a igreja.

Maria Ivone Alho
Responsável pela E. C. F. de Queluz

Aguardando a Ressurreição

Maria Fernandes Pires

Vítima de acidente de viação, faleceu no Hospital de Portalegre, no passado dia 5 de Janeiro, a irmã Maria Fernandes Pires. Tinha 65 anos e fora baptizada na Igreja Adventista em 1951.

Membro da igreja de S. Julião, durante vários anos ali desempenhou, entre outros, o cargo de secretária da Escola Sabatina, que ela tanto amava. Quando a maioria dos membros se ausentou de S. Julião, ela permaneceu

no seu posto, como fiel baluarte da mensagem do Advento na sua terra, onde agora também ficou sepultada, aguardando o chamado de Jesus.

A seu marido, nosso amigo João Marques Gonçalves, a seu filho, nosso irmão David Pires Gonçalves, e demais família, particularmente os seus irmãos, todos membros da nossa Igreja, apresentamos sentidas condolências.

Martinho Jacob Realinho

Assine e divulgue a REVISTA ADVENTISTA

Intervenção da Associação Internacional da Liberdade Religiosa em favor da liberdade religiosa nos países islâmicos

Gianfranco Rossi, na sua qualidade de secretário-geral da *Association Internationale pour la Défense de la Liberté Religieuse* (AIDLR), participou na 47ª sessão da Comissão dos Direitos do Homem, que teve lugar em Genebra, de 28 de Janeiro a 8 de Março. As suas intervenções centraram-se sobretudo no apoio à luta contra o fanatismo, laico e religioso, em dois países, a Mauritânia e a Arábia Saudita, onde o integralismo islâmico se exprime por medidas legais que violentam, de maneira flagrante, o direito à liberdade de consciência e de religião.

Com efeito, o código penal mauritano prevê a pena de morte para os muçulmano que abandonem o Islão ou que recusem recitar a oração que este prescreve. A Arábia Saudita é o único país no mundo em que são proibidas todas as religiões, com excepção do islão. Os cristãos que emigraram para estes países por razões profissionais — e são centenas de milhar — não podem dispor de uma igreja, nem reunir-se em casas particulares com a presença de um pastor ou de um padre.

A AIDLR tem grande interesse na liberdade religiosa dos países islâmicos, dado que neles é geralmente proibido pregar o Evangelho em público.

Neste âmbito, o Dr. Gianfranco Rossi deslocou-se à Argélia, Tunísia e Marrocos, onde foi recebido pelos ministros dos Assuntos Religiosos e contactou com altas personalidades dos meios religiosos e universitários. As conversações centraram-se geralmente sobre a liberdade religiosa, e de modo particular na tradição islâmica que prevê a pena de morte para a apostasia do Islão. Os seus interlocutores, com excepção do cheick Abassi Madani, presidente da Frente Islâmica de Salvação — o partido político algeriano que ganhou as eleições municipais em Junho de 1990 e que representa um movimento islâmico fortemente integralista — desaprovam tal medida. Se é verdade que há integralistas entre os muçulmanos, existem também homens abertos e liberais que lutam para que estes países se transformem em Estados de direito e liberdade. A AIDLR não pode deixar de encorajar e estimular os seus esforços, uma vez que é na medida em que a liberdade religiosa for respeitada que as portas se abrirão à pregação do Evangelho.

John Graz

Serviços de Imprensa da D.E.A.

“Pedimos que continuem a orar pelos portugueses que vivem na África do Sul e pelo avanço da nossa mensagem nesta terra.

“Com votos de paz e saúde, despeço-me,

Márcio Viana.”

Eis agora o testemunho do casal Machado:

“Acontece ser meu imediato chefe, no trabalho, um membro da Igreja Adventista do Sétimo Dia, pelo que ele informou a seus irmãos portugueses ter sido um português recentemente admitido no trabalho da mina de ouro onde trabalhava.

“Dado estar prestes a se iniciar um seminário sobre o livro Apocalipse da Bíblia Sagrada, a ser ministrado pelo irmão brasileiro Márcio, decidiram-se os irmãos portugueses da igreja de Bedilia a convidar-nos a assistir ao mesmo, ao que acedemos de imediato. Dois motivos nos levaram a não hesitar nesta nossa decisão. O primeiro foi o facto de sentirmos necessidade de convívio com os nossos compatriotas portugueses da área; e o segundo, foi reconhecermos que os nossos conhecimentos sobre o livro sagrado eram muito limitados. Devemos salientar, no entanto, que éramos católicos apostólicos romanos, mas não praticantes de um certo nú-

mero dos seus princípios, por descremos deles.

“Confessamos que nos dirigimos à primeira lição do Seminário, desconhecendo por completo com que iríamos deparar, pelo que nos apresentámos com um ar desconfiado, com a intenção até de despercebidamente criticar tudo o que nos parecesse fora do vulgar. Devemos acrescentar que tal estado de espírito foi o resultado de experiências tidas em outras denominações religiosas na cidade de Durban, que de facto nos deixaram muito cépticos.

“De facto, a nossa recepção na igreja de Bedilia foi extremamente cordial e afectiva por parte de todos os presentes sem excepção, o que muito agradavelmente nos impressionou. Reparámos também, com agrado, no facto de o irmão Márcio fazer questão de dar início às lições na hora exacta estabelecida. E ao dar início ao Seminário, foi também com agradável surpresa que vimos que a oração de abertura escolhida foi ‘Pai nosso, que estás nos céus’, oração tão familiar aos Católicos. *Lisa e Vitor Machado da Cruz.*”

A *Revista Adventista* saúda estes novos irmãos e todos os crentes adventistas da África do Sul, abrindo as suas colunas às notícias das igrejas portuguesas daquela República.

Carta da Austrália: Família Portuguesa ganha para o Evangelho

Embora com certo atraso, chegou-nos a notícia de um casal português baptizado na Austrália como resultado de um Seminário do Apocalipse, levado a efeito pelo jovem Márcio Viana, actualmente a estudar no colégio Adventista de Helderberg. Márcio trabalhou um ano em Portugal, na igreja central de Lisboa, como estudante missionário. Achamos do maior interesse dar a conhecer aos nossos irmãos e leitores da RA, esta experiência, pelo que transcrevemos alguns excertos da carta de Márcio, bem como o testemunho do próprio casal, que a acompanhava.

“Há muitos anos que vieram para Welkom alguns emigrantes portugueses, oriundos de Moçambique e Angola, para trabalharem nas minas de ouro. Aqui em Welkom temos uma pequena comunidade de adventistas e por intermédio deles fui convidado a realizar um seminário sobre o Apocalipse. Como resultado deste seminário, a família Machado da Cruz decidiu-se pelo baptismo.

“Esta foi a primeira campanha de evangelismo para pessoas de língua portuguesa neste lugar, e, com este resultado, pensa-se já numa próxima campanha de evangelização.

Iraque e Koweit: Notícias da Igreja Adventista

Um telefonema dos escritórios da União do Médio Oriente indicava, em fins de Março, que no Iraque não tinha havido nenhuma alteração no que diz respeito aos membros e instituições da Igreja. De acordo com as notícias recebidas “a igreja de Bagdade tem-se reunido cada Sábado e, quanto se saiba, nenhum membro sofreu qualquer dano”.

Quanto à igreja do Koweit, não tem havido reuniões desde Agosto do ano passado e todos os membros foram repatriados, pelo que estão agora espalhados por muitas outras igrejas. O pastor David Dunn e a sua família preparavam-se para vol-

tar ao Koweit e é de crer que quando este número da *Revista Adventista* sair já lá se encontrem. O pastor David acha que o Senhor lhe vai conceder uma importante messe, pois, como ele diz, “é quando está escondida que a semente frutifica.”

Embora sem relatórios directos e de acordo com o Departamento de Comunicações da Conferência Geral, há razões para crer que todos os nossos irmãos adventistas da região do Golfo continuam os seus cultos e reuniões sem quaisquer problemas.

John Graz

Serviços de Imprensa da D.E.A.

VOCAÇÕES

A Igreja precisa de:

- Pastores
- Assistentes Pastorais
- Professores

«A maior obra a que podem aspirar criaturas humanas é a obra de atrair homens, do pecado para a santidade.»

— *A Ciência do Bom Vier*, p. 398.

AOS NOSSOS JOVENS

Neste pequeno artigo, aos escrever sobre uma vocação para a vida, queria chamar a atenção de todos os jovens para a obra mais grandiosa que hoje é levada a cabo sobre a terra, que é a «de atrair homens, do pecado para a santidade».

De todos os pontos do país nos vão chegando apelos solicitando pastores, senhoras para assistentes pastorais e professores, sobretudo para a instrução primária. Neste apelo descobrimos a grande necessidade das igrejas, das escolas e dos crentes. Dentre todas as vocações de que a Igreja tem necessidade, estas são as mais prementes e nós apelamos a jovens decididos e generosos, capazes de se entusiasmar com as propostas de solidariedade e doação à Causa.

É fundamental para um jovem descobrir, com certeza, qual o plano de Deus para a sua vida. Qual a vocação onde poderá ser mais feliz e tornar felizes os outros.

Os grandes homens da Bíblia sentiram-se chamados por Deus. Diante dos apelos desse Deus, houve vocações diferentes. Timidez, pobreza interior, insegurança, mudança de rumo de vida, indignidade, aceitação, luta, recusa e até fuga (Gén. 12:1; Êx. 3:10; Is. 6:9; Jer. 1:6; Marc. 2:14; João 1:43-51; Mat. 19:36-30; Luc. 9:57-62).

Os apóstolos deixaram tudo e seguiram Jesus. Foi um corte radical com o passado e um pôr-se a caminho. A intensidade cristã da nossa vida mede-se pelo seguimento efectivo e quotidiano de Cristo durante a vida toda. Seguir Jesus é entrar no Seu mundo afectivo (Fil. 2:5). O Seu modo de amar, viver, pensar e Se doar leva ainda a procurar outros que O sigam.

Se Deus chama para o Seu serviço, por amor ao Senhor e à Sua igreja, deve-se ir, custe o que custar, para que a Messe não se perca por falta de ceifeiros. «O Senhor pede mais ministros para trabalharem em Sua vinha. Foram ditas as palavras: 'Fortalecei os postos avançados; mantendo fiéis sentinelas em todas as partes do mundo'. Deus vos chama jovens. Ele pede exércitos inteiros de jovens dotados de coração generoso e largueza de vistas, e que se achem possuídos de profundo amor a Cristo e à verdade». — *Obreiros Evangélicos*, p. 63.

A Associação Pastoral está ao serviço daqueles que desejam jogar a vida na aventura da fé e do compromisso com Deus, apelando aos jovens adventistas que desejam consagrar-se à vida missionária para escrever a esta União.

Se queres, se te sentes chamado, contacta-nos. — *A. Nunes*, Associação Pastoral, União Portuguesa dos A.S.D.



CONVITE

Caminhando ao longo do mar da Galileia,

viu Ele Simão e André,
que lançavam as redes ao mar,
pois era pescadores.

E Jesus disse-lhes:
vinde comigo, e farei de vós
pescadores de homens!

E logo, deixando as redes,
eles O seguiram.

Um pouco mais além viu Tiago e João,
que estavam a remendar as redes,
e chamou-os.

E eles, deixando o pai na barca,
foram com Ele.

Um pouco mais aquém viu Xavier,
que era um estudante ambicioso
e queria ser professor
na universidade de Paris:
e chamou-o.

E ele, deixando os livros e os amigos
seguiu-O até à Índia e ao Japão.

Há pouco ainda viu o José,
que era empregado e ganhava bem,
e chamou-o.

E o José, deixando tudo,
foi com Ele.

— Será que também eu
estou envolvido neste Amor?...